
Contribuições da Esquizoanálise para se pensar as mudanças no mundo do trabalho na Educação Profissional e Tecnológica

Contributions of Schizoanalysis on thinking the changes in the world of labor at Career and Technological education

Contribuciones del esquizoanálisis para pensar sobre los cambios en el mundo del trabajo en la educación profesional y tecnológica

Matusalém de Brito Duarte

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
matusalem@cefetmg.br

Vandeir Robson da Silva Matias

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
vandeir@cefetmg.br

Resumo

Este artigo teórico tem como objetivo problematizar as mudanças no mundo do trabalho apontando caminhos para a criação de dispositivos/estratégias didáticas para se abordar a temática do trabalho na Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica utilizando teóricos da Esquizoanálise, pesquisadores que trabalham com a temática do trabalho e processos de subjetivação em diálogo com a prática dos autores em sala de aula. Concluímos que vários efeitos e ressonâncias do capitalismo na subjetividade, têm passado pela adesão e assujeitamento como autonomia e liberdade, potencializando, porém, a reprodução do capital de forma assimétrica. O uso de conceitos como rizoma-árvore, molar-molecular, segmentaridades e ressonância pode potencializar a criação de dispositivos para a abordagem do biocapitalismo, dataísmo, trabalho material e flexível.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Mundo do trabalho. Esquizoanálise.

Abstract

This theoretical paper seeks to problematize the changes in the world of labor indicating paths for the creation of didactic tools/strategies to approach the matter of labor in Career and Technological Education. It is a bibliographical research utilizing theoreticians of Schizoanalysis, researchers that study the matter of labor and processes of subjectivation in dialogue with the practices of the authors in the classroom. Thus concluding that various effects and resonances of capitalism in subjectivity have passed through the accession and subjection such as autonomy and freedom, potentializing the asymmetrical reproduction of capital. The use of concepts such as rhizome-three, molar-molecular, segmentarities and resonance, can potentialize the creation of tools to approach biocapitalism, dataism, material and flexible labor.

Keywords: *Career and Technological Education. World of Labor. Schizoanalysis.*

Resumen

Este artículo teórico tiene como objetivo problematizar los cambios en el mundo del trabajo apuntando caminos para la creación de dispositivos / estrategias didácticas para abordar el tema del trabajo en la Educación Profesional y Tecnológica de nivel secundario. Esta es una investigación bibliográfica que utiliza teóricos del esquizoanálisis, investigadores que trabajan con el tema del trabajo y los procesos de subjetivación en diálogo con la práctica de los autores en el aula. Concluimos que varios efectos y resonancias del capitalismo sobre la subjetividad han pasado por la adhesión y sujeción como autonomía y libertad, pero potenciando la reproducción del capital de forma asimétrica. El uso de conceptos tales como rizoma-árbol, molar-molecular, segmentaridades y resonancia puede potenciar la creación de dispositivos para el enfoque del biocapitalismo, el dataismo, el material y el trabajo flexible.

Palabras clave: *Educación profesional y tecnológica. Mundo del trabajo. Esquizoanálisis.*

Introdução

Estudos sobre a história da educação brasileira republicana e, mais especificamente, a das políticas educacionais no Brasil, tem revelado como o Ensino Médio e a Educação Profissional vem sendo remodelados ao longo do tempo. A indefinição quanto sua função social, as dificuldades na implantação de um modelo em prol da universalização desta etapa da educação enquanto direito e, principalmente, o papel dessa etapa como preparatória para a inserção dos jovens no mundo do trabalho, tem se apresentado como os maiores desafios a serem transpostos e efetivados pelas políticas públicas.

Na história recente da educação brasileira, no ano de 2004 especificamente, houve uma mudança significativa no Ensino Médio e Técnico brasileiro, com a promulgação do Decreto n. 5154. Por este decreto, o Ministério da Educação abriu a possibilidade de reintegração do Ensino Médio e do Técnico profissional, na modalidade integrada (BRANDÃO, 2011). Dessa forma, o aluno não poderia cursar apenas o Ensino Técnico Profissional como substituto ao Ensino Médio, como aponta a LDBEN – Lei n. 9.394/1996 (BRASIL, 2012), mas, seu ingresso concomitante ao Ensino Médio passa a ser reconhecido e ofertado, principalmente na Rede Federal de Ensino nos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs). Essa mudança revelou os limites apregoados pela LDBEN vigente com relação à formação do trabalhador e a demanda mercadológica.

Posterior à instituição do Decreto n. 5154/2004, já no governo Lula, houve a criação da Secretaria de Educação Básica (SEB) e a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), refletindo a cisão entre os dois modelos de ensino (MELO, 2011), mas ratificando a valorização das duas modalidades para formação do aluno para o trabalho.

A partir desse decreto, assiste-se no país uma expansão da oferta do Ensino Integrado pela criação de novos cursos e da interiorização dos Institutos Federais pelo Brasil. Nesse contexto, como apontam Araújo e Frigotto (2015), o Ensino Integrado tem se destacado por ser uma proposição pedagógica que se compromete com a utopia de uma formação inteira e com o desenvolvimento da força criativa e autonomia intelectual e política dos sujeitos. Segundo o artigo 6, incisos I, IV, V e VIII da Resolução n. 6, de 20 de setembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, são princípios da Educação Profissional Técnica de Nível Médio:

I - relação e articulação entre a formação desenvolvida no Ensino Médio e a preparação para o exercício das profissões técnicas, visando à formação integral do estudante; (...)

IV - articulação da Educação Básica com a Educação Profissional e Tecnológica, na perspectiva da integração entre saberes específicos para a

produção do conhecimento e a intervenção social, assumindo a pesquisa como princípio pedagógico;

V - indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos da aprendizagem; (...)

VIII - contextualização, flexibilidade e interdisciplinaridade na utilização de estratégias educacionais favoráveis à compreensão de significados e à integração entre a teoria e a vivência da prática profissional, envolvendo as múltiplas dimensões do eixo tecnológico do curso e das ciências e tecnologias a ele vinculadas; (BRASIL, 2012).

Como podemos verificar, a educação profissional técnica de Nível Médio, além de se preocupar com o cidadão na sua formação integral, deve juntar esforços para a integração dos conhecimentos, tendo como objetivo desenvolver nos sujeitos a capacidade de produção ativa no/do mundo e no trabalho, a partir da capacitação para a auto percepção de sua inserção num contexto histórico, mutante e conectado espacialmente e temporalmente.

Ao pensarmos no mundo da vida e no mundo do trabalho, é comum fazermos a cisão entre dois universos, como se fossem esferas da vida separadas cronologicamente, num modelo fordista de produção, onde o trabalho se restringia a sua execução no horário previamente marcado nos relógios das fábricas e muito vinculada à lógica da formação como etapa pré-trabalho, sem a lógica da formação continuada como princípio que norteia o modo de atualizar os processos de subjetivação laboral, tal como temos assistido. Pensando nas mudanças ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho, principalmente nos últimos anos da década recente, no contexto neoliberal, temos percebido que tem havido mudanças tanto na reorganização do trabalho como na forma dos sujeitos de sujeitarem ao trabalho, re-conceituando, por exemplo, clássicos conceitos como o de mais-valia, divisão de classes, entre outros.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo problematizar as mudanças no mundo do trabalho no capitalismo hiperatual neoliberal a partir da contribuição de conceitos desenvolvidos pela esquizoanálise de Deleuze e Guattari, bem como de pensadores que, mais adiante vêm

beber dessa fonte para se pensar as mudanças no mundo do trabalho, de modo a subsidiar estratégias de ensino para alunos do Ensino Integrado para aprimoramento das proposições apontadas por Araújo & Frigotto. A pesquisa, em andamento, mostra que conceitos como mais-valia, alienação, reprodução, materialidade vem sendo redefinidos por novas lógicas de trabalho e organizações sociais pela característica maquínica, pela imaterialidade, pelas novas condutas do ser diante do mais produzir, pela atuação em ressonância e contágio do Capitalismo e pela maior subjetivação no processo de dominação e administração da vida.

Biocapitalismo, trabalho imaterial e as mudanças no mundo do trabalho

Como professores de Geografia da Rede Federal de Ensino, temos debatido entre os docentes da área sobre as dificuldades para trabalhar a temática do capitalismo enquanto organizador do espaço mundial e da Divisão Internacional do Trabalho na sala de aula, bem como as mudanças no mundo do trabalho advindas daí, principalmente com o material didático que são disponibilizados para os educandos e, também, para os professores.

Essa dificuldade está associada, além dos limites apresentados pelos materiais clássicos disponíveis no mercado, à dificuldade em compreender essa nova organização fluida e em rede que vem se consolidando e territorializando de uma forma inédita não mais apenas o espaço geográfico.

Analisando a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, disponível no portal do Ministério da Educação (MEC), o trabalho é uma categoria apontada como necessária a ser abordada na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Segundo a competência específica 4, é preciso que o aluno tenha condições de, ao final do Ensino Médio, “analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades” (BRASIL,

2019). Dentro dessa competência, o MEC apresenta quatro habilidades fundamentais a saber:

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais. (BRASIL, 2019).

Como podemos perceber, a BNCC aponta a necessidade da abordagem da categoria trabalho em diversas perspectivas, desde as mudanças na forma de organização social e espacial do trabalho e o entendimento de como tais mudanças reordenam o espaço e os tempos, bem como os impactos dessa reorganização e da tecnologia na vida dos jovens. É importante salientar que a BNCC aponta como necessárias a promoção de ações para a superação de desigualdades sociais, opressão e violação de Direitos Humanos. Apesar disso, a BNCC não explicita questões relacionadas ao modo como o trabalho vem se tornando parte da vida e da gestão da subjetividade e como essa subjetivação pode ser perversa. O processo de naturalização de práticas de assujeitamentos imanentes, bem como às práticas de deterioração da qualidade de vida, por serem muitas vezes ratificadas pelo discurso da livre escolha “autônoma” e da liberdade-neoliberal, podem ser ignoradas na prática pedagógica de muitos docentes ao lidar com o tema, sendo essa uma das questões

fundamentais a serem tratadas neste breve trabalho, que pode auxiliar docentes de Geografia ou outra disciplina da área de Ciências Humanas.

Para compreendermos as mudanças no mundo do trabalho e como isso tem afetado discentes, docentes e toda a sociedade, é preciso primeiramente entender o contexto no qual estamos imersos, bem como seu funcionamento maquínico. Tentar estruturar as características do capitalismo como narrativa suficiente para “conscientizar” os sujeitos de suas ameaças e “vantagens”, tem se mostrado insuficiente para o entendimento de inúmeras mudanças que vêm ocorrendo na sociedade do conhecimento e da informação. Um exemplo da mudança ocorrida, por exemplo, está na própria construção do que é ser desempregado hoje na lógica neoliberal e como isso destoa de outras etapas do capitalismo. No fordismo, o desemprego e o desempregado eram problematizados como elementos relacionados diretamente ao processo de mudanças no contexto macroestrutural econômico que, por uma má gestão situada numa crise econômica, tinha como consequência a produção de desempregados. No ensino de Geografia nas escolas é comum a bipolarização conceitual entre desemprego estrutural e desemprego conjuntural, como modos de situar e classificar os causadores do desemprego, ora na substituição do homem por tecnologia, ora pela onda de crise momentânea, comum à “evolução” do capitalismo. Nessa perspectiva, fica bem delineado os pontos de movimentação de uma estrutura para a resolução de um problema. Nesse sentido, os movimentos sindicais tinham como elemento de luta e resistência o apontamento dos “gargalos perversos” do capitalismo, de modo a possibilitar aos desempregados ou ameaçados, o direcionamento enfático das demandas por melhorias e maior estabilidade no emprego.

Da mesma forma, o Estado como o centro organizador do processo capitalista, era visto como co-responsável pelo desemprego e pelas condições mínimas de qualidade do trabalho, nesse processo. Assim, a própria coesão entre o grupo de desempregados facilitava a sua

organização enquanto uma categoria ou grupo que tinha algo a reivindicar de uma outra categoria localizada mais facilmente.

À medida que, tanto geograficamente quanto produtivamente foi-se descentralizando os processos de produção, as mudanças nas formas de organização do trabalho, a organização do mundo de forma fluida, a aceleração dos processos desterritorializantes e a ascensão do discurso da concorrência como habilidade positiva e desejável dos sujeitos, os desempregados, como diz Maurício Lazzarato (2011) e Vincent de Gaulejac (2007), se transformaram em sujeitos “demonizados”, ora por não terem se adaptado ou esforçado o suficiente para atender ao mercado, ora por não terem se sujeitado às novas demandas, mudando de vítimas para culpados de sua própria situação (GAULEJAC, 2007; LAZZARATO, 2011).

O discurso arrojado advindo da aceleração dos processos tecnológicos no plano do maquinário e dos processos de intensificação da subjetivação no plano da flexibilização para o mercado, elevou o assujeitamento a um grau de complexidade como nunca na história da “evolução” capitalista, pois ao deslocar dos detentores do capital e dos modos de produção para os sujeitos trabalhadores, a responsabilidade pelos processos de (re)produção do capital, impulsionou a ilusória ideia do potencial de todos como empresários do processo, no eu, invisibilizando as estratégias de exploração e reprodução máxima do capital.

Outras mudanças no mundo do trabalho na atualidade que precisam ser abordadas na temática do trabalho, e que se fazem necessárias tanto no Ensino Médio quanto no Integrado, dada a especificidade de serem formações diretamente direcionadas ao mundo do trabalho, refere-se à emergência do trabalho cognitivo. Quando mencionamos o trabalho cognitivo, segundo Negri (2016), estamos nos referindo ainda ao trabalho. Quer dizer, processo que dispense energia física e mental da mesma forma que as modalidades tradicionais de trabalho, ou até mais, e que se efetiva, também, sempre de forma assimétrica, no que diz respeito à relação de poder embutida no processo. Nesse sentido o termo “trabalho vivo” deve ser utilizado, ao invés do chamado “trabalho

morto”, dada a máxima da gestão da autonomia embutida no processo. Nesse tipo de trabalho, o sujeito é atravessado pela eficácia e auto metas como elementos subjetivados como escolhas, mas que na verdade são formas do próprio capital utilizar-se de estratégias potencializadoras da motivação como livre escolha do sujeito. Esta tecnologia da subjetivação funciona como um conjunto de elementos flutuantes dentro de uma bolha, no qual carrega em si a externalidade, uma vez que não é de fato uma parte do sujeito, mas que bate e volta para o próprio sujeito que o assimila como sua própria internalidade naturalizada. Como diz Negri (2016), é uma autonomia imanente à relação de capital.

O trabalho imaterial, segundo Lazzarato e Negri (2001), também é definido como aquele que produz ao mesmo tempo subjetividade e valor econômico, sendo responsável por criar necessidades e pulsões pelo consumo nos sujeitos. Nesse mercado, diversas atividades vêm ganhando importância como publicidade, moda, produção de *softwares*, gestão dos territórios, entre tantas outras novas funções. Esta forma de atividade não anula a produção material, mas cria uma nova forma de trabalho, uma nova “mais valia”, pois o valor do produto não se destrói mais com o uso, ao contrário, ele se alarga e se transforma (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

A mudança na materialidade do trabalho, reorganizando o tempo, organizando as liberdades e, ao mesmo tempo, expandindo a tradicional lógica de reprodução do capital, por outro lado é produtora de um paroxismo pois

o sujeito engaja em todas as suas atividades os recursos “imateriais”, afetivos e cognitivos do ser. Por outro lado, as técnicas do “capital humano” conduzem à identificação da individualização e da exploração, pois o “empresário de si mesmo” é ao mesmo tempo patrão e escravo de si, capitalista e proletário, sujeito de enunciação e sujeito de enunciado. (LAZZARATO, 2011, p. 44).

Nessa perspectiva vemos que o próprio conceito de *mais-valia* clássico pede uma atualização frente aos novos mecanismos de controle e exploração. Nesse esforço de atualização do conceito de mais-valia,

Domenico Uhng Hur (2018) mostra que, além da permanência da *mais-valia* clássica, na relação da força de trabalho e expropriação do excedente, há dois novos tipos de *mais-valia* que devem ser considerados ao refletir sobre o mundo do trabalho na atualidade: a *mais-valia financeira* e a *mais-valia maquínica*.

A *mais-valia financeira* está associada à financeirização da economia, na qual não há produção de mercadorias, mas há circulação de fluxos de renda via investimentos, financiamentos e especulação. O capital em rede que não produz, mas que se reproduz virtualmente, desterritorializando o quanto for necessário para isso. Já a *mais-valia maquínica* está relacionada à inovação, criação e potencial de geração de fluxos de empresas que o conhecimento imprime no processo produtivo. É maquínico porque acopla nos produtos uma parcela de valor que vai além do material e da força de trabalho/hora, como nos processos fordistas (HUR, 2018).

Esta flexibilidade advinda com o trabalho imaterial, que num primeiro momento estava associada ao trabalho intelectual e aos processos criativos de tecnologia, se dilui na sociedade e vem escorrendo rapidamente pelas pontas dos sistemas de produção. A redução de postos de trabalho na era pós-fordista, trouxe consigo a incapacidade e, de certa forma, o desinteresse no investimento das forças produtivas e do Estado que o respalda, na produção de novos postos de trabalho formais. A intensificação da pressão pela liberdade de gerir o trabalho do outro, que se traveste em flexibilização de leis trabalhistas e incremento do modo permissivo de extrair o máximo dos assujeitados, vem se consolidando paralelo ao discurso do empreendedorismo como modo arrojado e livre de se produzir.

Nessa perspectiva que o termo biocapitalismo é apresentado por Negri para dar ênfase a duas perspectivas sobre o processo produtivo atuais: primeiro as investidas da atual fase do capitalismo que penetra todo o campo da vida, do uso das ciências biológicas e sua transformação em mercadoria e a segunda, que é a que mais nos interessa, que é a penetração do campo produtivo do capitalismo em

todas as esferas da vida, não só do trabalho, mas da sociedade em sua totalidade para a reprodução do capital, no campo da ressonância (NEGRI, 2013; NEGRI, 2016).

Diante desse panorama apresentado, elencamos alguns conceitos da esquizoanálise que podem ser acoplados ao ensino de Geografia, ou em projetos interdisciplinares de integração da Formação Básica à Formação Técnica, de modo a contribuir para a produção de estratégias para o melhor entendimento e inserção dos alunos no mundo do trabalho na contemporaneidade.

Contribuição de alguns conceitos da esquizoanálise para entender as mudanças no mundo do trabalho

No final dos anos 1960, surge na França um movimento filosófico-político intitulado Esquizoanálise, movimento inaugurado por Gilles Deleuze e Félix Guattari a partir da publicação das obras *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1* e *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Nestas obras, principalmente, os dois pensadores propõe uma nova leitura da vida, rompendo com a tradicional filosofia transcendente e apresentando uma leitura da realidade como plano de imanência. Nessas obras, além de construírem um arcabouço conceitual para o apontamento de críticas ao Estado, ao modo de produção capitalista e suas relação com o consumo da vida, Deleuze e Guattari buscam suscitar uma militância para se potencializar a vida enquanto multiplicidade, possibilitando novas formas singulares de fazer política em diversos arranjos, bem como potencializar a produção desejante livres das capturas das máquinas de antiprodução do capitalismo. Na concepção deles, e também como crítica ao inconsciente-falta da Psicanálise, que a dupla redefine o inconsciente como produção do novo, de modo a intensificar o desejo.

Nesse sentido, a Esquizoanálise tem como proposta potencializar a desestabilização e o curto-circuitar de forças, desejos e poderes que se esforçam por capturar, estabilizar e limitar os fluxos (DOEL, 2001). Ou

seja, trata-se de uma leitura não-estruturalista da realidade e não interessada no padrão causa-consequência, nem nos binarismos construídos pela perspectiva cartesiana. A realidade enquanto multiplicidade, rizomas e planos são compostos e recompostos por processos, linhas, atravessadores, que se segmentam, se arborificam, se estratificam, mas que, por isso, precisam ser curto-circuitados para a possibilidade de potencializar novas formas de estar no mundo. Segundo o esquizoanalista Gregório Baremlitt (2010, p. 40):

É nessa produção de “pensamenteares”, nessa variável de seus “n” componentes de produção, reprodução e antiprodução, na montagem de dispositivos destinados a promover a revolução inventiva dos processos produtivos e a neutralizar sua brusca interrupção, ou sua aceleração ao infinito, dada pelos muros brancos ou pelos buracos negros da reprodução e da antiprodução, que consiste a esquizoanálise ou pragmática universal.

Por ser uma abordagem inovadora do mundo, a esquizoanálise e a obra de Deleuze e Guattari buscam constantemente quebrar a lógica dicotômica/binária que são utilizadas nas formas estruturalistas do pensar e analisar a realidade. Ao romperem com a lógica binária, verificamos uma contribuição para se pensar as mudanças no mundo do trabalho na contemporaneidade. Ao mesmo tempo que eles constroem conceitos aparentemente duais, como molar-molecular, buraco negro-muro branco, micro política-macro política, tais pensadores, na verdade, trazem um novo olhar sobre os processos a partir de um ver o mundo como um grande plano de forças rizomático, onde o que se apresenta como potencialmente intensificador do desejo, pode numa determinada configuração ser um potencial capturador da subjetividade e, nesse sentido ser uma maquinaria de captura que investe no bio, na vida, sua engrenagem maior. É justamente por pensar o sujeito não como um universal, nem como um indivíduo, mas, sim como uma multiplicidade virtual, que a esquizoanálise pode contribuir como um instrumental importante nessa processo de abordagem das mudanças do trabalho

em concomitância com os novos processos e estratégias de subjetivação (DOEL, 2001).

Outra contribuição de Deleuze e Guattari, refere-se à busca por um estética da vida, dado o compromisso de militar ou trabalhar em prol da potencialização de novos modos de existência que permitam a produção e não simplesmente a reprodução como visa o capitalismo, principalmente. Ou seja, há uma preocupação metodológica de se transformar tanto a forma de ler o mundo, quanto a forma de fazer ciência e, principalmente, de potencializar a vida, livres das codificações e estratificações capturantes. Não seria essa uma forma de contribuir de fato para o alcance da habilidade da BNCC de promover “ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos” (BRASIL, 2019)?

A desconstrução no modo de pensar não-dialético de Deleuze e Guattari, que se desprende de um *a priori* ideal transcendente, a ser alcançado pela eliminação de uma realidade “contraditória”, permite a identificação dos inúmeros paradoxos que são encontrados na realidade multidimensional, inclusive do mundo do trabalho, tal qual já apresentamos. As novas modalidades de trabalho e gestão do capital da vida e da vida do trabalho, explodem paradoxos que não são meramente planos contraditórios da vida, nem causas e efeitos. A vida é multiplicidade como exemplificam os pensadores

Ah, não é nem um homem nem uma mulher, é um travesti: a relação binária se estabelece entre o “não” de primeira categoria e um “sim” de categoria seguinte que tanto pode marcar uma tolerância sob certas condições quanto indicar um inimigo que é necessário abater a qualquer preço (DELEUZE; GUATTARI, 1996 p. 45).

O ponto de partida para se adentrar no arcabouço teórico-metodológico de Deleuze e Guattari é o entendimento do conceito de Rizoma. Este conceito é o primeiro platô do livro *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, intitulado “Introdução: rizoma”. Para eles, o rizoma seria uma “metáfora” do que é a realidade. Por ser um tipo de raiz que não

tem como definir o início nem o fim, eles usam esse termo para definir como é a realidade de fato, ou seja, a realidade enquanto multiplicidade. Assim, Deleuze e Guattari aponta que o rizoma se contrapõe à árvore-raiz, que se trata dos padrões hierárquicos da realidade, porém sem o binarismo ou o pensamento contraditório dialético, pois em determinados momentos pode ser que num ponto do rizoma se arboresça algo que era para ser produtor de multiplicidades. O rizoma não é feito de unidades, mas de dimensões, é movido pelo desejo que produz, é desterritorialização, logo feito por linhas e não por pontos, compõe uma trama como hastes de uma marionete e não a subjetividade una do “ser” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

A partir deste conceito fundante e fundamental que os pensadores apresentam inúmeros outros que vão contribuindo para se pensar a realidade e potencializar intervenções, sendo esse processo de acompanhar os fluxos e suas arborescências como o ato de cartografar ou fazer esquizoanálise.

O conceito de rizoma permite, por exemplo, uma compreensão rica da financeirização do capitalismo e como estes fluxos de capital enquanto crédito pode potencializar capturas e como o curto-circuitar dessas capturas pode potencializar novas formas de criar agenciamentos coletivos alternativos e intensificadores do desejo produtivo.

Além do rizoma, um dos conceitos essenciais que podem contribuir para a leitura das mudanças no mundo do trabalho é o de segmentaridade. Segundo Deleuze e Guattari (1996), somos todos segmentarizados, ou seja, um conjunto de tipologias que somos forçados a ser categorizados, em todas as esferas da vida. A segmentaridade é o modo de agrupamento ou classificação que, por estatizar nosso modo de ser e viver, contribuem para a captura de nossa subjetividade, e, por consequência, do nosso modo de trabalhar e contribuir para um sistema. As segmentaridades, segundo Deleuze e Guattari podem ser binárias, lineares ou circulares. As binárias seriam as oposições duais: adultos/crianças, homens/mulheres; as lineares, que se referem aos percursos sucessores que percorremos “automaticamente” pela vida:

escola – faculdade – trabalho e circulares que se referem aos círculos concêntricos na qual estamos inseridos: o local, o bairro, a cidade, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

As segmentaridades em três dimensões podem ser duras ou flexíveis. Ou seja, todos somos atravessados pelas duas segmentaridades, uma molar e uma molecular. Esses conceitos, porém, não podem ser apreendidos como opostos. É justamente tentando mostrar que existem outras formas de organização do mundo, que extrapolam o dualismo, é que os autores lançam mão destes conceitos. Outro conceito aparentemente dual é o de macropolítica e micropolítica, que estão muito mais relacionados e correm o risco de serem tomados como a macroestrutura da máquina Estatal controladora x as estratégias políticas dos sujeitos libertárias. Essa categorização não reflete nem está relacionada à organização conceitual na esquizoanálise, que opera por imanência e múltiplas conexões e possibilidades.

Ao trabalhar com os conceitos de macro e micropolítica, outro par de conceitos precisam ser compreendidos e também não-binarizados, que são o “Molar” e o “Molecular”. Esses dois conceitos que referem-se à natureza dos processos sociais, sua materialidade, representação e seus vetores de efetivação. Segundo Baremlitt (2010, p. 77):

uma entidade molar é aquela que tem uma forma, uma materialidade, uma quantidade e uma qualidade, assim como limites temporo-espaciais; está submetida a leis de causalidade, em suma, tem uma identidade, relativamente fixa e definida. Uma entidade molecular é aquela que funciona em variação contínua, se compõe de “materiais” (não de matérias), pré-energias não especificadas, pré-forças não vetorizadas, só apresenta pré-formas e pré substâncias, forma parte de multiplicidades conectadas ao acaso.

Ao nos referirmos à entidade molar estamos considerando os aspectos da realidade enquanto uma materialidade definida, imbuída de uma estrutura visível e de representações individuais ou coletivas. A associação do molar ao macro deve-se a essa característica de visibilidade, que tenta se institucionalizar, de uma característica da

realidade que pode ser delimitada com maior facilidade, e não simplesmente ao dualismo da dimensão macro e micro dos processos. Esse esforço numa leitura imanente da realidade, buscando romper com o dualismo ou delimitação de opostos contraditórios, é construído em vários momentos na obra de Deleuze e Guattari, com o objetivo de mostrar que os pares de conceitos criados são distinguíveis, mas, ao mesmo tempo, inseparáveis. Do mesmo modo que eles tecem os conceitos de micro/macropolítica e molar/molecular, podemos perceber nos conceitos de rizoma/árvore, a mesma problemática. Segundo eles, o rizoma, cuja composição refere-se à multidimensionalidade da realidade, ao comportarem processos de desterritorialização, busca romper com a hierarquia de um modelo árvore, mas pode também comportar em seus “nós”, arborescências, revelando a indissociabilidade, mais uma vez, dos antagonismos dos pares de conceitos construídos por eles para leituras da realidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Diante desses conjunto de conceitos que buscam descrever processos que se efetivam na imanência da vida, voltamos à questão do capitalismo hiperatual e as inúmeras formas e tecnologias de se produzir trabalho nos sujeitos e sujeitos no trabalho. A organização em rede e a fluidez da contemporaneidade se redesenham também na própria máquina capitalista e na sua ressonância na organização psicopolítica da sociedade e nos processos de subjetivação. Ao enaltecer as conexões, a movência, a fluidez, o capitalismo atual ressoa sua lógica de reprodução em todas as esferas da vida, apregoando estratégias discursivas de exaltação da liberdade e do *eu-protagonista* ignorando, porém, o que se tem produzido a partir daí, ou seja, novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, além, é claro, de novas angústias (PELBART, 2003).

Hur (2019), em sua análise da axiomática do capital faz uma análise que contribui para se pensar o trabalho no capitalismo atual, atualizando Deleuze e Guattari. Ao mesmo tempo que o capitalismo tem o poder de desterritorializar os códigos instituídos para uma reterritorialização, ele

aponta que esse modo de produção tem trocado a fixação pelo movimento, não normatizando a captura, mas modulando, propagando e multiplicando a sua lógica. Como a ressonância definida por Deleuze e Guattari nos processos de reverberar as segmentaridades circulares, agora o capitalismo remete isso para o fomento da produtividade, da competitividade, da livre iniciativa, do acúmulo que, levado ao mundo do trabalho, promovem a produção mesmo sob pena do desgaste e de uma ruptura na qualidade de vida e na sociedade (HUR, 2019).

Diante dessa nova modulação do capitalismo e, entendendo que tal ressonância reconfigura o modelo de trabalho tradicional, ainda presente nos livros didáticos de Geografia, faz-se necessário problematizar as mudanças no mundo do trabalho partindo dos seus efeitos e criando dispositivos que possam problematizar e fazer emergir tais processos de forma didática e significativa. Baremlitt (2010, p. 46), afirma que:

o objetivo principal em Deleuze e Guattari é o de produzir pensamentos – atos, sentidos e corporeidades – devires, que sempre serão imanentes a uma dimensão ética, estética, ontológica, gnosiológica, política etc. Para gerar esses sentidos-devires é preciso montar dispositivos, sempre complexos, heterólogos (compostos de diferentes saberes), heterogêneos (compostos de diferentes materialidades), heteromorfos (compostos de formas diversas) e até heteróclitos (bizarros, estranhos), que geram e são eles mesmos partes de individualizações insólitas.

A aposta na criação de dispositivos didáticos, para materializar ou possibilitar a construção de uma forma imanente e rizomática de analisar a realidade socioespacial, partindo das capturas e ressonâncias do capitalismo no mundo do trabalho, pode ser um ponto de partida rico no aprofundamento dessa temática no Ensino Médio.

Duas prerrogativas devem ser consideradas para a criação de dispositivos que possam criar novos pensanteares ou estratégias frente aos desafios do mundo do trabalho: primeiramente é fundamental a compreensão, por parte dos alunos, de que o sistema capitalista é um Capitalismo Mundial e Integrado (CMI), que

potencialmente colonizou todo o planeta, e que não deixa escapar nenhuma atividade, nem setor algum da produção do seu controle. Que mais que uma estrutura de produção e reprodução, é um sistema de recomposição permanente diante das crises e que é capaz de desterritorializar e se reterritorializar de modo contínuo e a partir de formações de poder que atravessam todas as esferas da vida (GUATTARI, 1987).

Outra questão fundamental, a se considerar, é que o CMI também utiliza de dispositivos, técnicas e tecnologias e que cartografar o funcionamento dessas maquinações e, inclusive, como o Estado mantém suas engrenagens no processo são fundamentais. Essas questões podem contribuir muito na autopercepção dos alunos de que eles fazem parte de um sistema complexo na qual “liberdade”, potência criativa e desejo, podem ser investimentos dos sujeitos autônomos de fato, mas também podem ser insumos para que o sistema funcione cada vez, reproduzindo para poucos a acumulação acelerada de capitais, reverberando paradoxos e mais paradoxos.

Criar novas formas de resistência e mobilização no Capitalismo Mundial Integrado, com os estudantes de Educação Técnica de nível Médio além de necessária, é fundamental para a formação de um trabalhador atualizado e atuante. Peter Pál Pelbart (2003), chama a atenção da importância de se fazer isso a partir do entendimento de que o CMI, ou o Império é um tipo específico de capitalismo pois

engloba a totalidade do espaço do mundo, apresenta-se como fim dos tempos, isto é, ordem a-histórica, eterna, definitiva, e penetra fundo na vida das populações, nos seus corpos, mentes, inteligência, desejo, afetividade. Totalidade do espaço, do tempo, da subjetividade. Jamais uma ordem política avançou a tal ponto em todas as dimensões, recobrando a totalidade da existência humana (PELBART, 2003, p. 81).

O que Pelbart (2003) quer mostrar é o refinamento dos mecanismos atuais do capitalismo, profusos de dispositivos e diretamente incidindo sobre os corpos e as mentes interiorizadas pelos próprios sujeitos, numa chamada “alienação autônoma”, muito

mais complexa de ser identificada e, por isso, também, de ser superada (PELBART, 2003). E como a educação tem como premissa, a preparação para o mundo do trabalho e para a cidadania, é preciso investir na cartografia desse sistema para que seja possível criar novos dispositivos problematizadores e críticos, potencializando o desejo e novas estéticas de existência, senão, como diz Guattari, “Na ausência de desejo a energia se auto consome sob a forma de sintoma, de inibição e de angústia” (GUATTARI, 1987, p. 15)

Por último, não poderíamos deixar de mencionar outro refinamento dos dispositivos do capitalismo globalizado, que interfere na vida, e diretamente ao mundo do trabalho, que é a vigilância digital. A digitalização do mundo, também conhecida como *dataísmo* tem desenhado uma forma estritamente fina de controle sobre os sujeitos e controle para o capital. Os acessos que fazemos nos sistemas digitais e informatizados ficam registrados como desejos, anseios, moldando currículos-algoritmos a estimular nosso sobreconsumo a partir do consumo (HAN, 2018). Segundo Byng-Chul Han (2018, p. 78):

a vigilância digital é mais eficiente porque é aperspectivista. Ela é livre de limitações perspectivistas que são características da óptica analógica. A óptica digital possibilita a vigilância a partir de qualquer ângulo. Assim, elimina pontos cegos. Em contraste com a óptica analógica e perspectivista, a óptica digital pode espiar até a psique.

Esse dataísmo tem sido utilizado, também, na remodelização do mundo do trabalho. A *uberização*, por exemplo, é um fenômeno no mundo do trabalho que se apropria desse dispositivo de controle para a exploração do trabalho, desvinculando a estrutura de exploração clássica para o auto controle digitalmente vigiada. O sujeito empresário é o proletário, atuando ora como o “autônomo e livre”, ora como “o patrão que exauri o corpo”.

Nesse sentido é preciso apontar que um dos grandes equívocos na abordagem do mundo do trabalho e capitalismo, na atualidade, tem sido tratar o Neoliberalismo como uma etapa atualizada do Liberalismo

Clássico. O Neoliberalismo funciona para o capitalismo como uma máquina de administração da “liberdade” dos sujeitos. Como aponta Foucault (2008), o Neoliberalismo é um modo de governo que consome a liberdade, de modo que a produz e a organiza conforme os interesses para expansão do capital e, no mundo do trabalho, tal modo de governar a liberdade tem sido a construção de uma sociedade de sujeitos “empresários de si”, transformando o trabalhador numa espécie de célula da própria empresa (FOUCAULT, 2008).

Estes são apenas alguns dos inúmeros conceitos da esquizoanálise que podem contribuir para se pensar o mundo do trabalho na dimensão capitalista atual, bem como construir dispositivos didáticos para contribuir para o alcance da Competência específica 4. A Esquizoanálise pode potencializar movimentos de resistência e evocar a potência positiva para a construção de novos fluxos menos rígidos e numa lógica de captura menor. Este é o grande desafio da educação para a cidadania e de uma prática libertária.

Considerações finais

A obra de Deleuze e Guattari comporta um arsenal de conceitos que podem e devem ser utilizados nessa atualização da relação entre os sujeitos e o mundo do trabalho, que vem modificando as formas de se materializar, até mesmo imprimindo formas imateriais de se manifestar. Para os docentes da Educação Técnica e Tecnológica de Nível Médio, esse desafio pode ser entendido como possibilidades para o desenvolvimento de novas estratégias de compreensão da realidade e de interrelação de saberes, para o melhor refletir e agir no mundo do trabalho.

Tanto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, quanto a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio, destacam a importância de se pensar o mundo do trabalho não apenas como prática ensimesmada, cuja educação teria como princípio preparar apenas para a execução de tarefas de modo heterônomo. Tais documentos apontam a necessidade

de uma formação ampla dos sujeitos para a problematização, inclusive, dos impactos na subjetividade, na vida e na sociedade das mudanças que se apresentam continuamente no mundo do trabalho.

O controle via administração da “liberdade”, imputando no sujeito novas responsabilidades, mas também culpabilidades e formas de trabalho aparentemente sem expropriação, tem causado inúmeras consequências nos trabalhadores. Sintomas como perturbações psíquicas, digestivas, dermatológicas, cardiovasculares e comportamentais são alguns dos sinais de que tem havido um novo custo de (re)produção, cujos sujeitos trabalhadores têm ficado responsáveis, o que sinaliza a necessidade de estar atento para não perder o foco da necessidade de construir novas formas de ser e estar no mundo (GAULEJAC, 2007).

Este artigo tem como objetivo trazer para o debate algumas possibilidades para se pensar o trabalho no contexto do Capitalismo Mundial Integrado, buscando contribuir para se pensar algumas questões que devem permear o currículo da Educação Profissional e Tecnológica de forma transversal e problematizadora: como agir nesse contexto? A escola pode fazer alguma coisa? Ter conhecimento de que há uma engenharia dos sujeitos funcionando e atravessando os acontecimentos contribui para uma resistência ou efetivação de uma potência positiva?

Referências

- ARAÚJO, R. M.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.
- BAREMBLITT, G. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: FGB/IFG, 2010.
- BRANDÃO, C. F. O Ensino Médio no contexto do PNE: o que ainda precisa ser feito. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 31, n. 84, p. 195-208, maio/ago. 2011.
- BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação

Nacional. In: SANTOS, P. S. *Guia prático da política educacional no Brasil*. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 123-159.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades>. Acesso em: 24 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução n. 6, de 20 de setembro de 2012*. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 abr. 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DOEL, M. *Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução*. In: SILVA, T. T. (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 77-110.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAULEJAC, V. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HAN, B.C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HUR, D. U. *Psicologia, política e esquizoanálise*. Campinas: Alinea, 2018.

LAZZARATO, M. *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MELO, S. D. G. Políticas para o ensino médio e a educação profissional: implicações sobre o trabalho docente na Argentina e no Brasil. In: OLIVEIRA, D. A; DUARTE, A. (org.). *Políticas públicas e educação: regulação e conhecimento*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. p. 207-223.

NEGRI, A. *Biocapitalismo*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

NEGRI, A. O comum como modo de produção. *Caderno de Leituras*, Chão de Feira: São Paulo, n. 52, out. 2016. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-52-o-comum-como-modo-de-producao>. Acesso em: 24 set. 2019.

PELBART, P. P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.